

## **RASTROS DAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS: REFLEXÕES SOBRE PROTEÇÕES, DIREITOS E INFÂNCIA**

Letícia Carolina Chaves Couto<sup>1</sup>, Cíntia de Sousa Carvalho<sup>2</sup>, Anelise Oliveira Silva<sup>3</sup>, James Winther Gimenes Marques<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Discente – Curso de Psicologia UNIFIMES (leticia8\_carolina@hotmail.com)

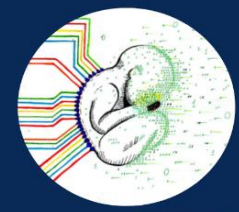
<sup>2</sup> Docente Universitária no curso de Psicologia – UNIFIMES

<sup>3</sup> Discente – Curso de Psicologia UNIFIMES

<sup>4</sup> Psicólogo formado pela UNIFIMES

Modalidade do trabalho: ( ) Extensão (x) Pesquisa

Difícilmente escuta-se a palavra criança e sexo na mesma frase. Esse ideal de pureza infantil foi construído e perpetuado através dos anos. Durante a Idade Média, a criança era vista como “adulto em miniatura”, sendo tratada assim como tal (1). Foi somente na Idade Moderna que esses ideais começaram a mudar. Esse posto endereçado à criança já não existia mais, passando a ser vista como um indivíduo que demanda cuidados especiais. De agora em diante, a infância passa a ser olhada com outros olhos, o quimérico de pureza infantil é estabelecido. Assim, esse modelo de infância perdura até hoje, isto é, tende-se a afastar tudo aquilo que fuja desse “padrão” infantil imaculado já determinado. “A criança só é inocente porque está afastada do sexo” (2), dessa forma, tal questão torna-se um desafio, uma vez que a criação de estratégias de intervenção neste ponto, e possíveis delineamentos de uma mudança, dependem da problematização desse cenário. Em vista disso, por meio deste trabalho pretendemos desmistificar a sexualidade infantil, tratando-a de forma clara, crítica e não como comportamento subversivo, para que dessa forma possamos responder as principais perguntas que nos mobilizam. Intencionamos, assim, entender de que modo os rastros das experiências sexuais infantis coabitam a experiência dos adultos. Desse modo, com o suporte de autores críticos da cultura como Foucault, Butler e seus contemporâneos, empenhamos uma pesquisa de campo qualitativa, que foi realizada por meio de entrevistas abertas gravadas em áudio com 10 adultos mineienses e moradores da cidade de Mineiros/GO. Até o momento, os resultados apontam que a maioria dos entrevistados assumiram ter algum tipo de experiência sexual em suas trajetórias infantis, sejam elas violentas e/ou não violentas (como, por exemplo, por meio de brincadeiras entre pares). Importante frisar que prioritariamente as narrativas não violentas se apresentaram nos discursos. Alguns sujeitos contaram sobre as vivências violentas e suas marcas traumáticas difíceis de serem elaboradas. No entanto, outros apontaram para a presença de interações lúdicas em que a sexualidade tenha sido o mote da experiência, tendo tornado-se, portanto, memórias de experimentações prazerosas e validadas pelos sujeitos sem culpa ou dor. Por fim, concluímos até o momento que, assim como o esperado, foram encontrados diversos relatos que confirmam a existência de experiências sexuais vividas na infância. Assim, com as informações levantadas poderemos municiar o poder público e as instituições que lidam com



crianças a pensar em estratégias que incluam na agenda pública a pauta da sexualidade, seja por meio de formações continuadas com os profissionais, orientação familiar ou ações de educação sexual e prevenção.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Infância. Experiências.

Referências:

1. ARIÈS, P. (1981). **História social da criança e da família**. 2° ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
2. CARVALHO, C. de S., DA SILVA, E. R., SOUZA, S. J., SALGADO, R. G. (2012) **Direitos sexuais de crianças e adolescentes: avanços e entraves**. *Psicologia Clínica*, v. 24, p. 69-88.